

O IDOSO EM ECLESIASTES

Erica Luisa Ziegler

No Antigo Testamento encontramos um livro não muito conhecido pela maioria das pessoas que lêem a Bíblia. Ele é considerado freqüentemente como sendo muito difícil de entender, por ter uma linguagem muito simbólica, por não “contar estórias”, por não apresentar visões de profetas, por não ser poesia como, p. ex., os salmos. De fato, o livro do Eclesiastes não relata histórias, não contém profecias, não apresenta poesias em louvor a Deus; nada disso. É um livro que reflete sobre a condição humana, e de uma forma que pode servir para a leitura de todas as pessoas em todas as épocas, porque ele fala sobre a vida e a morte, o nascer, o crescer e o morrer, a riqueza e a pobreza, a humildade e a arrogância e tantos outros assuntos que dizem respeito a todo o mundo.

Especialmente o último capítulo deste livro é bastante difícil de entender à primeira vista, e os pesquisadores têm discutido bastante sobre como interpretar o que se diz ali. O texto a que nos referimos é o de Eclesiastes 12,1-7. Ele recebe a seguinte tradução na Bíblia de Jerusalém:

¹*Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade, antes que venham os dias da desgraça e cheguem os anos dos quais dirás: "Não tenho neles prazer".*

²*Antes que se escureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que voltem as nuvens depois da chuva;*

³*no dia em que os guardas da casa tremem e os homens fortes se curvam, em que as mulheres, uma a uma, param de moer, e cai a escuridão sobre as que olham pelas janelas;*

⁴*quando se fecha a porta da rua e o barulho do moinho diminui, quando se acorda com o barulho do pássaro e todas as canções emudecem;*

⁵*quando se teme a altura e se levam sustos pelo caminho, quando a amendoeira está em flor e o gafanhoto torna-se pesado e o tempero perde o sabor, é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram sua morte começam a rondar pela rua.*

⁶*Antes que o fio de prata se rompa e o copo de ouro se parta, antes que o jarro se quebre na fonte e a roldana rebente no poço,*

⁷*antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu.*

Aparentemente, Ecl 12,1-7 fala sobre a velhice do ser humano, sobre as coisas que acontecem com o corpo e a mente quando o tempo vai passando e deixando suas

marcas. Mas as imagens utilizadas para isso oferecem diversas interpretações; e não se pode dizer qual destas interpretações seria a mais correta.

Logo no primeiro versículo se diz: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias maus e os anos dos quais dirás: não tenho prazer neles”. Estas palavras parecem ser bem claras: significam que não se deve voltar o pensamento para Deus somente em determinados momentos, e sim agir concretamente para que, do começo ao fim da vida, a pessoa possa ter mais dias bons do que maus, e para que os dias da velhice possam ser bons também, abençoados pela memória do Criador. Conforme Gerhard Dellling e Werner Schmidt, “no AT pensar não é apenas ‘pensar’, e sim está sempre ligado à ação”.¹ Significa que o pensamento não deve ficar apenas abstrato, e sim levar à ação concreta que pode mudar a vida da pessoa. Com isso se realça a importância de “conviver” com Deus em todos os momentos e não apenas responsabilizá-lo por tragédias e dias de luto e solidão, mas antes de tudo agradecer-lhe pelo dom da vida e por todas as possibilidades que temos de tornar esta vida abençoada para nós e, principalmente, para as pessoas que convivem conosco.

Nos versículos 2-6, o que se apresenta ao leitor é uma descrição, através de imagens, das partes do corpo que vão degenerando durante o processo de envelhecimento. É impossível considerar todas as observações dos autores mais importantes acerca desta descrição. Mas é importante prestar atenção em algumas palavras que se repetem, como “luz” e “olhos”.

Choon-Leong Seow destaca que “luz” não é equivalente a “sol”; de fato, já fala assim Gn 1,4, onde a luz é chamada de “dia”, antes da criação do sol.² O processo de envelhecer faz com que se apaguem todas as fontes de luz, tanto em torno do ser humano (a luz natural do dia), quanto dentro dele (a luz dos olhos). Robert Gordis cita uma interpretação do Talmud Rashi para reconhecer, nos respectivos elementos celestes, as partes do rosto: testa, faces, olhos, boca e nariz.³ Neste sentido, percebe-se que a função auditiva é importante para o Pregador (autor do Ecl); ele dá vários exemplos para a surdez crescente durante o envelhecimento, nesta passagem. Schmidt e Dellling indicam que o ouvir é muito importante na literatura sapiencial, e o saber ouvir corretamente pode até mesmo modificar uma pessoa.⁴ Normalmente gostamos mais de falar do que de ouvir, e é isso que muitas vezes atrapalha a comunicação justamente com pessoas idosas, que não têm mais com quem falar. Queremos consolar sem saber do que estamos falando, e é preciso muita paciência para lidar com a audição prejudicada de outra pessoa.

No meio das imagens que sugerem interpretações diversas para o que acontece com a pessoa quando ela envelhece, também aparece a palavra “gafanhoto” (v. 5). Esta expressão pode causar problemas para quem lê este versículo sem conhecer a cul-

1. Cf. DELLING, Gerhard – SCHMIDT, Werner. *Wörterbuch der Bibel*, p. 179 (tradução própria).

2. SEOW, C. L. *Ecclesiastes*, p. 353.

3. GORDIS, R. *Koheleth – the man and his world*, p. 331.

4. SCHMIDT/DELLING, op. cit., p. 302.

tura do Antigo Oriente Próximo. As enciclopédias especializadas dizem que “gafanhoto” se refere à vida sexual da pessoa idosa. De fato, muitas pessoas acham que na velhice isto não é mais um assunto, ou até se sentem constrangidas quando vêem idosos “namorando” abertamente, como pessoas jovens. Mas este também é um problema sério para a maioria das pessoas idosas: a solidão e a falta de carinho, a vontade de abraçar, beijar, sentir-se amado também no aspecto físico. Parece que, na velhice, a pessoa automaticamente se torna feia, sem graça, “gasta”, sem mais nenhum atrativo. No entanto, conforme Manfred Lurker, o gafanhoto inclusive pode ser, na Bíblia, um símbolo de paz e harmonia, como em Pr 30,27: “[...] os gafanhotos, que não têm rei, mas avançam todos em ordem [...]”, na listagem dos quatro pequenos animais que são mais sábios que todos os outros.⁵ E, certamente, paz e harmonia é o que todas as pessoas desejam justamente no fim de suas vidas, também no aspecto da relação amorosa umas com as outras.

Por outro lado, como o gafanhoto é de fato um animal muito pequeno, descrevê-lo como sendo um fardo (v. 5) também pode sugerir que até mesmo o menor esforço causa cansaço e tristeza ao ancião. Assim, acontece uma polarização de interpretações, porque o gafanhoto pode ser uma imagem tanto negativa, quanto positiva: o desejo sexual, e outros esforços físicos, se tornam um peso, e não poder cumpri-los leva à frustração; mas também pode-se experimentar uma certa “paz” após as inquietações da juventude.

Em seguida (v. 6), diz-se que o homem está “a caminho da casa de sua eternidade”, e será integrado na vivência sem começo nem fim de tempo e espaço. Segundo o *Midrash Rabbah*,

a palavra ‘*olam* significa mundo, idade, tempo distante [...] algo básico, algo no coração das coisas, que Deus fez do começo até o fim”.⁶ Assim, o homem “não pode apoderar-se de ‘*olam*, mesmo que este se encontre dentro dele.”⁷.

No entanto, é importante esclarecer que a idéia de “eterno” nada tem a ver com vida após a morte; para os israelitas, o que vinha após a morte era apenas uma existência no que eles chamavam de *Sheol*, a qual poderia ser então considerada “eterna”. A idéia mais concreta de ressurreição de corpos mortos começou a aparecer apenas na época da revolta dos Macabeus, quando seus mártires morreram injustamente e antes do tempo. Também o livro de Daniel apresenta uma espécie de apocalipse e sugere que haverá uma época em que os mortos ressuscitarão (Dn 12,1-3; 2Mc 7).

O estudioso judeu Pinchas Lapide procura explicar como se considerava a morte no Israel antigo:

No Israel bíblico [...] a morte não é canonizada nem tratada como tabu, e sim é considerada parte integral da existência terrena; não como *contrário* da vida, e

5. LURKER, M. *Wörterbuch Symbole der Bibel*, p. 142.

6. ALTER, R. – KERMODE, F. *Guia Literário da Bíblia*, p. 303.

7. Id. *ibid.*

sim como *parte* da vida, assim como o nascimento, a doença e o sofrimento. Tudo dado por Deus e pretendido [...]. A digna aceitação da morte a partir de figuras líderes da Bíblia com certeza é um encorajamento para todas as gerações. Se ela também é consoladora para pessoas jovens, que são exterminadas por doenças, guerras e acidentes, é outra pergunta.⁸

Uma “entrada” para uma nova leitura, nesse sentido e pensando também nas pessoas jovens, poderia ser a advertência: ela é individual ou coletiva? Ou seja: o que significa, na prática, aproveitar os dias da juventude da melhor maneira? A idéia de “aproveitar a vida” (*carpe diem*) pode conter tanto incentivos para um simples aproveitamento individualista, quanto para uma ação coletiva de melhora do mundo, enquanto se tem forças para tanto.

No entanto, qualquer que seja o enfoque que se dê à oposição mocidade/velhice que aparece bem claramente neste texto, os elementos positivos atribuídos à mocidade têm um ar passageiro e superficial, como se houvesse a intenção de deixar claro que não se pode confiar nesta época; mais certa é a velhice, com seus problemas, e mais definitiva, a morte. Por outro lado, invertendo a interpretação, também é possível pensar que, se a mocidade for vivida de maneira bela e positiva, a partir da lembrança do Criador, até mesmo os males da velhice podem ser suportáveis, conferindo a esta época um breve consolo antes da partida definitiva.

Mas vale acentuar que a sabedoria do Pregador não parte do princípio de que o ser humano deve “pagar” pelo que fez ou deixou de fazer, no sentido de uma cobrança vinda de Deus, embora ele tenha de arcar com as conseqüências de suas ações, de uma ou outra forma; mas, em primeiro lugar, trata-se de cultivar gratidão e alegria pelas coisas simples da vida, pelo simples fato de se estar vivo. Ao mesmo tempo, é necessário questionar o que significa “aproveitar as boas coisas da vida”. A presença do Criador, neste texto, é fundamental: o ser humano depende fundamentalmente do “sopro divino”, que faz dele um ente digno e similar à imagem de Deus, o qual não deve ser esquecido jamais, justamente por causa dessa dádiva única e irrepitível. O mesmo Deus que cria a vida também a tira, e somente ele tem este direito. Portanto, o ser humano não pode fazer de sua vida o que bem entende, sem lembrar-se constantemente que está neste mundo apenas em função de uma dádiva divina.

Uma pergunta necessária que se faz é acerca das *conseqüências* desta leitura para o ser humano que se aprofundou em sua reflexão: é possível, como o pretende o Pregador, ver algo de positivo no envelhecimento?

O Pregador quer que se considere o ser humano como alguém que é acompanhado desde sua formação pelo Criador, ao qual deve gratidão, alegria e sabedoria para conduzir sua vida como melhor lhe convier, mas sempre com vistas à Sua memória. A vida é um ciclo natural de geração, nascimento, crescimento, envelhecimento e morte, e somente saberá envelhecer e morrer bem quem se lembrar do Criador enquanto tem

8. Cf. LAPIDE, Pinchas. *Jesus, das Geld und der Weltfrieden*, p. 147-148 (tradução própria do original alemão).

tempo para fazê-lo com dignidade. Todos os seres humanos são iguais diante de Deus, pois o ciclo da vida independe de fatores externos. Pode-se viver melhor ou pior, diante das circunstâncias; mas a passagem dos anos é igual para todos, e é inevitável ter de confrontar-se com os anos de envelhecimento e com a proximidade da morte.

O outro lado desta moeda é a tentativa do Pregador de lembrar ao ser humano jovem, ao mesmo tempo, que ele tem belos anos para viver, nos quais ainda existem prazer, luz, alegria, força. Portanto, o envelhecimento não precisa ser uma conseqüência negativa de uma vida bem ou mal vivida, e sim o repouso em paz e tranqüilidade à sombra do Criador. É preciso somente ficar alerta para que o viver bem não signifique apenas a realização de desejos e anseios pessoais, e sim a construção de uma vida feliz em comunhão e solidariedade. Embora o Pregador não diga isto com clareza, também se pode interpretar sua mensagem nesse sentido; pois para quê alguém se lembraria de seu Criador para festejar sua mocidade sozinho?

Uma das questões mais “urgentes” quanto ao trabalho com o livro do Eclesiastes e, mais especificamente, da perícopese selecionada, é: o quê fazer com esta perícopese no Brasil? Como lidar com o tema do envelhecimento, da sexualidade e da morte num país tão devastado por mortes muitas vezes trágicas, incompreensíveis?

Não é possível falar de uma vida “alegre, feliz e grata” em regiões marcadas por conflitos por posse de terra, drogas, violência urbana e doméstica. Não é possível falar sobre este texto em determinados ancionatos, onde os idosos apenas esperam morrer para se verem livres de uma realidade pior que a morte. Por fim, não é possível ler este texto ali onde as crianças morrem antes de viverem digna e plenamente, antes de sequer conseguirem pensar no que serão “quando crescerem”. Ao mesmo tempo, o mundo moderno se encontra na antagônica situação criada pela ciência que permite uma longevidade cada vez maior, fazendo com que a expectativa de vida do ser humano cresça além das expectativas. Assim mesmo, é necessário perguntar se a vida será apenas prolongada ou também melhorada na velhice: “É possível que o problema do envelhecimento vá a ser um dos mais difíceis de resolver na sociedade do futuro. É possível que a longevidade aumente consideravelmente, que o período de maturidade do homem se prolongue e que essa maturidade não encontre aplicação útil”.⁹

Aqui ficam para trás desejos e sonhos individuais, planos e projetos de auto-realização. Se o livro do Eclesiastes for levado a sério, ele pode levar seus leitores e leitoras a ações conjuntas de melhoria de vida. Aproveitar enquanto se é jovem, mesmo lembrando do Criador e honrando seu culto, de nada adianta se isto permanecer na individualidade, simplesmente porque não é possível, no momento atual, aproveitar qualquer coisa, diante de tantas grandes e pequenas tragédias que cercam as pessoas em todos os sentidos. A consciência da realidade toma conta de uma maneira tão avassaladora que as palavras do Pregador têm de ser reinterpretadas com urgência, como uma admoestação radical à mudança de comportamento, à iniciativa coletiva por mudanças em todos os campos. Quando forem começados os primeiros passos para uma

9. THOMAS, L. V. *Antropología de la Muerte*, p. 57.

mudança sensível de cada um, mostrando que assim também a sociedade pode ser modificada, aí sim será possível aproveitar a vida, na consciência de que todos estão fazendo a sua parte para que as pessoas vivam mais e melhor, para que as crianças não morram antes do tempo e para que os idosos sejam realmente dignificados.

Bibliografia básica

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. O homem e a existência na literatura sapiencial. *Estudos Bíblicos* n. 48. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1996. p. 19-24.

CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet/O-Que-Sabe – Ecclesiastes, um poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

EATON, Michael A. *Ecclesiastes*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1983.

GLASSER, Étienne. *O processo da felicidade por Coélet*. São Paulo: Paulinas, 1975.

GORDIS, Robert. *Koheleth – the Man and his World*. London: Jason Aronson Inc., 1995.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. *Que proveito tem o homem de seu trabalho debaixo do sol?* http://sites.uol.com.br/jorgelrg/jorge/lrg/queproveito.htm_edn6, outubro de 2001.

RAVASI, Gianfranco. Coélet. *Pequeno Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SEOW, Choon-Leong. Ecclesiastes. *The Anchor Bible*. New York: Doubleday, 1997.